C 1186

OS

CANALHAS...

ANTITHESE Á *CANALHA* DE GOMES LEAL

POR

CATÃO SIMÕES

COIMBRA
IMPRENSA LITTERARIA
1873

CANALHAS...

PEÇA EM 3 ACTOS E EM VERSO

DE

CESÁRIO VERDE

OFERTA

R. 6373

OS CANALHAS...

ANTITHESE Á *CANALHA* DE GOMES LEAL

(A MEU PAE)

Sim; ella vem de longe! ella! a Canalha!
Espantados pela fome, sem mortalha,
Cantando nas orgias, bachanaes,
Cheios d'horror e tedio... em mal extensos,
Lubricos, indomaveis, máus, immensos...
Alegres nos seus ais!

Todos trazem amargo o coração!
São os parias do mal, da solidão
Que s'embriagam só no que é erro!
São elles, sim! são elles que vão rindo
Em roucas gargalhadas e cumprindo
A vida do desterro!

Deixae!.. deixae passal-os; vagabundos
Do lupanar, e tristes e profundos
Nos longos haustos; ebrios, vaidosos...
Deixae passar a raça dos mesquinhos!
Devem-se a elles o prazer e os vinhos;
Os cezareos dos gozos!

São todos negros, magros, vacillantes!
Pássam rindo pelo braço das amantes...
Espezinham uo pó mantos reaes!
E caminham, zombando, os longos trilhos
Do crime e da traição... matam os filhos...
Até os proprios paes!..

Olham cheios d'espanto nos festins,
Por máus instinctos sempre e eguaes fins,
O ouro, a pedraria, c'roas, reis...
Rotos e nús... *valentes* como Marte
Espalham seu terror por toda a parte...
P'ra mim nada valeis!

Trouxe-os o vento audaz d'uma miseria,
Como prophetas d'uma missão *séria*...
Passam altivos no ardor, inermes...
Conquistam de *poder* um alto *nome*!..
E morrendo nas ruas sempre á fome
Engordam frios vermes!

Vem no trilho dos seculos... de noite
Á procura d'um tecto que os acoite...
Prégando entre os seus um bem hypocrito!
Pretendem confundir os bons, os sabios...
E trazem mel e fel nos negros labios,
O riso de Democrito!

São elles, sim! eu vejo o olhar funesto
De taes chacaes e tigres... mas, protesto!..
Vejam da historia a pagina manchada...
Meditem, scismem bem... o que fariam?
Em côro com os que jazem lhes diriam:
— Mortos á punhalada!

De dia só repousam nas cavernas!
A noite é-lhes a Paschoa das tabernas
Emquanto a terra jaz na escuridão...
Se a lua lhes desperta os seus algozes
Misturam-se na terra as suas vozes...
E rojam-se pelo chão!

Nasceram na desgraça; solitarios,
Envoltos nas paixões e voluntarios
No crime que lhes peza sobre os hombros...
Já viram correr sangue, nas batalhas
D'irmão contra irmão, e sem mortalhas
Jazerem dos assombros!

Suspiram muitas vezes indecisos
Aos roncos do trovão e dos granisos,
Deixando a negra obra completa!...
Alguns matam, enforcam nas lanternas;
Outros, fartos do vinho e das tabernas,
Riem d'Antonietta!

São d'elles o patibulo, o cadafalso,
Os thronos destronados no mar salso
Dos dolorosos dias da historia...
— Correm o mundo sempre na lamuria,
E exangues, em bando, na penuria,
Cantam inda victoria!

São pouco duradoiros seus castellos
Que edificam no ar em sonhos bellos...
Prostra-os no chão o grito do olvido!
E vermes... com a vida semigasta
Saúdam na canção torpe e nefasta
Cezar o fementido!

Não sei d'onde vieram... vem de longe...
Similham nos pinaculos velho monge...
Teem de cór os crimes e traições...
É p'ra elles a vida sempre a mesma,
Doidos, ensanguentados, na quaresma
Da morte e sedições!

Máus filhos de Danton e de Marat,
Fazem da liberdade ideia má,
Querem que a liberdade o mundo aterre!
Elles, que a comprehendem a seu modo,
Sem saber, conspurcam sobre o lodo
O nome de Robespierre!..

Elles trazem as fauces sanguinosas...
Esperam as contendas sequiosas...
Os mil triumphos d'uma causa *publica!*..
Deve-lhe o mundo o crime, o latrocinio...
A fome e a mentira, o exterminio...
A elles!.. Á republica!

Escutam-se os gemidos de Catão,
E Bruto cahe no pó; Cicero então
Assoma pensativo e obscuro...
Cospe a face dos reis, derruba o throno...
Ora vejam o que elles em abono
Legaram para o futuro!

A elles a orgia e as tormentas,
As noites da historia nevoentas,
O rugir desesp'rado da batalha!...
Deixal-os vir de longe... ha ahi mais mundo
Que no abysmo do barathro profundo
Lance á morte a... Canalha!

Que venham canibaes n'essa alegria...
Não tremem os que pugnam — monarchia!
Morrem, sim, nos soffreres mais crueis!
Não se lhe deitam flores entre as ruas;
Mostram-se-lhe as espadas semi-nuas
Dos povos e dos reis!

Ha-de raiar o dia da Justiça!
Ha-de o mundo envolver-se em immensa liça,
Mas não hão de matar os paes os filhos...
Hão-de ao céu subir cantos e murmurios,
Ha-de vir da cidade e dos tugurios
A morte aos... *Maltrapilhos!*

Preço 40 réis